

O Trigo Brasileiro Diante da Concorrência Argentina:

o Comércio Internacional e a Competitividade Pelo Custo de Produção

Argemiro Luís Brum¹
Cleber Vinícios Kirchner da Silva²
Patricia Kettenhuber Müller³

Introdução

Após a primeira parte do estudo sobre a competitividade do trigo brasileiro, a qual destacou a evolução histórica da economia deste cereal no mundo, com especial atenção para o Brasil e a Argentina, assim como a situação da área plantada, volumes produzidos, rendimento e preços praticados no mercado internacional e nacional, o presente trabalho dá ênfase aos aspectos relacionados ao custo de produção, às relações de mercado e aos preços praticados no mundo, na Argentina e no Brasil. Nesse último caso, a partir da realidade dos dois principais Estados produtores: Rio Grande do Sul e Paraná.

¹ Professor do DECon/Unijuí, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris (França). (argelbrum@unijui.tche.br).

² Bolsista de Iniciação Científica Pibic/CNPq, aluno do 3º semestre do curso de Economia/Unijuí. (cleber.silva@unijui.tche.br).

³ Bolsista de Iniciação Científica Fapergs, aluna do 5º semestre do curso de Economia/Unijuí. (patricia.muller@unijui.tche.br).

Este ensaio está dividido em quatro subtítulos, além das considerações finais. No primeiro, a análise se detém sobre o comércio internacional do trigo, com destaque para a participação da Argentina, como país exportador, e do Brasil como país importador. O segundo subtítulo trata dos custos de produção, especialmente na Argentina e no Brasil. Por meio deste estudo busca-se identificar as principais razões da preferência brasileira pelo trigo argentino. No terceiro, a análise recai sobre as importações de trigo por parte do Brasil e o papel da Argentina como fornecedor do produto. Objetiva-se verificar a participação da Argentina no fornecimento do cereal ao Brasil e a importância de nossas importações nas vendas do vizinho país.

Enfim, o trabalho destaca o comportamento dos preços tanto no mercado mundial, mediante a evolução das cotações na Bolsa de Chicago, quanto no mercado FOB argentino e no mercado interno brasileiro, a partir de preços pagos aos produtores rurais do Paraná e do Rio Grande do Sul.

O Comércio Internacional de Trigo

A produção mundial de trigo, no ano 2003/04, chegou a 550,5 milhões de toneladas, conforme o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). Somando-se os estoques iniciais, resultantes do ano anterior, a oferta total do produto, naquele ano, foi de 717,6 milhões de toneladas. Deste total, foram comercializadas no mercado externo cerca de 106 milhões de toneladas. Sendo assim, o comércio internacional de trigo, em sua totalidade, representou 19,2% da produção mundial e 14,8% da oferta mundial. Em outras palavras, estamos diante de um produto que tem uma forte característica de consumo interno junto aos principais países produtores. Deste total, a Argentina participou com exportações de 7,5 milhões de toneladas, a Austrália com 17,5 milhões, a União Europeia (com 12 países) com 9,8 milhões e os EUA com 31,4 milhões de toneladas. Dentre os maiores importadores encontramos o Egito, com

volumes que variam entre 5,5 e 6,0 milhões de toneladas anuais, e o Brasil, com volumes entre 5,0 e 5,5 milhões de toneladas. A União Europeia igualmente importa, tendo chegado a 6,0 milhões de toneladas em 2003/04. Dessa forma, percebe-se que a Argentina tem uma pequena participação no comércio mundial exportador de trigo, atingindo 7,1% do total mundial, no entanto tais vendas externas representam 55% da produção total do país. Ou seja, a Argentina exporta mais da metade do que produz anualmente. Tal realidade é apenas superada pela Austrália, que comercializou o equivalente a 70,3% do total produzido em 2003/04. Já os EUA venderam ao exterior, naquele ano, o equivalente a 49,4% de sua produção. Os demais países pouco representam no mercado internacional do trigo, pelo lado da oferta.

O Brasil, como forte país importador de trigo, vem dando preferência ao produto argentino. Isso se acentuou a partir da constituição do Mercosul (1991) e particularmente a partir da sua consolidação como zona de livre comércio (1995). Na verdade, apenas os EUA e o Canadá rivalizam com a Argentina na oferta de trigo para o Brasil, e isto especialmente entre meados dos anos 60 e o início dos anos 90, do século XX. Assim, em 1965 o Brasil importou 1,9 milhão de toneladas de trigo, a um preço médio de apenas US\$ 59,64/tonelada FOB. Deste total, a Argentina participou com 68%, sendo o restante dividido em 27% dos EUA e 5% do Uruguai. Já em 1975 as importações brasileiras totais de trigo haviam crescido para 3,07 milhões de toneladas, com a participação argentina chegando a apenas 7,8%. O maior volume era comprado dos EUA (64,5%) e do Canadá (26%). O preço médio pago pelo Brasil, no conjunto, foi de US\$ 155,35/tonelada FOB, ou seja, quase o triplo do preço pago 10 anos antes.

Em 1980 o Brasil importou 4,6 milhões de toneladas, 60,8% dos EUA e 39,2% do Canadá. Naquele ano nada foi importado da Argentina. A participação do vizinho país, em nossas compras externas de trigo, melhorou apenas a partir de 1987. Nessa época, além de o Brasil ter

chegado a uma quase auto-suficiência, caem drasticamente as vendas dos EUA para nosso país. Assim, das 2,5 milhões de toneladas importadas, a um preço médio de US\$ 93,98/tonelada FOB, 43,5% vieram da Argentina, 30,5% do Canadá e apenas 4% dos EUA. Os restantes 22% foram importados de diversos outros mercados. Em 1988 o Brasil importou o seu menor volume de trigo desde 1965, registrando apenas 952.580 toneladas, em sua totalidade procedente da Argentina. A partir de então o vizinho país passou a ser o nosso fornecedor privilegiado, com os volumes em constante crescimento. O Canadá passa a perder força nessa corrida, especialmente a partir de 1995, exatamente o ano em que a zona de livre comércio no Mercosul é posta em prática. A tal ponto que em 2000 o Brasil alcança o seu maior volume de importações, nestes 39 anos aqui analisados (1965-2003), chegando a 7,5 milhões de toneladas, dos quais 95,8% foram procedentes da Argentina.

Neste meio-tempo, além do Uruguai, igualmente o Paraguai surge como fornecedor de trigo ao Brasil, porém em escala diminuta. Efetivamente, o Brasil passa a comprar trigo do Paraguai a partir de 1994, com os volumes variando, desde então, entre 50.000 e 250.000 toneladas anuais (apenas em 1999 as compras brasileiras deste vizinho país ficaram muito abaixo deste patamar, registrando 865 toneladas).

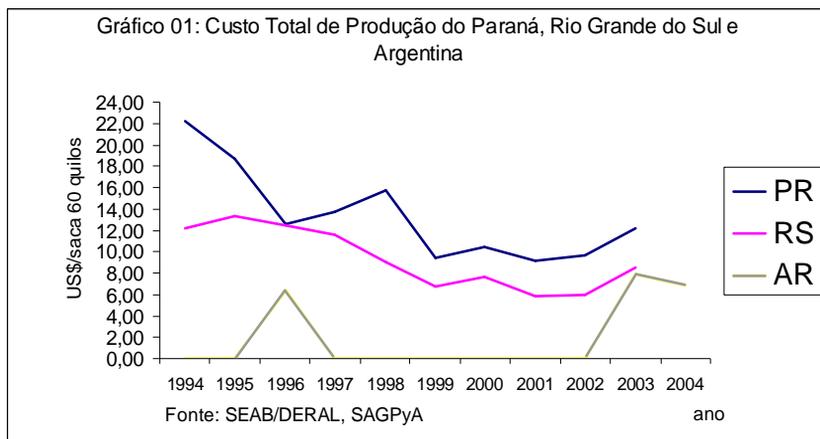
A questão é verificar se a opção pela Argentina, nestes últimos anos, se deve ao acordo do Mercosul e, na lógica das vantagens comparativas e da especialização, se o produto argentino é mais competitivo do que o brasileiro e o originário de outros países.

Os Sistemas e os Custos de Produção: Razão pela Opção Argentina

Os sistemas de produção aplicados tanto na Argentina como no Brasil são de duas naturezas: plantio convencional e plantio direto, este último ganhando espaço significativo a partir do início da década de 90. Sabe-se que o plantio direto representa uma redução de custos da ordem

de 20% em relação ao convencional, conforme a realidade do Noroeste gaúcho⁴. O mesmo, todavia, não se verifica na Argentina, onde o plantio convencional apresenta um custo da ordem de 15% a 17% menor do que o direto, em função do uso mais reduzido de herbicidas e fertilizantes químicos.

De forma geral, no entanto, o custo de produção argentino é mais baixo do que o registrado nos dois principais Estados produtores do Brasil. Assim, enquanto os custos médios na Argentina variaram entre US\$ 6,00 e US\$ 8,00/saca⁵, no período de 1994 a 2003, o referido custo no Rio Grande do Sul variou entre US\$ 5,87 e US\$ 13,38/saca. Já no Paraná o custo ficou entre US\$ 9,19 e US\$ 22,20/saca.



Em outras palavras, verificamos que, em termos médios, o custo do trigo no Rio Grande do Sul chega a US\$ 9,34/saca nos 10 anos aqui considerados, contra US\$ 13,36/saca no Paraná e apenas cerca de US\$

⁴ Cf. estudos de campo realizados pelo Departamento Técnico da Cooperativa Regional Tríticola Serrana Ltda (Cotrijuí).

⁵ Importante se faz destacar que não nos foi possível obter as informações sobre o custo de produção na Argentina, dentro da série completa dos 10 anos compreendidos entre 1994 e 2003. Apenas em três anos se obteve registros, a saber: US\$ 6,31/saca em 1996; US\$ 7,82/saca em 2003; e US\$ 6,82/saca em 2004, ano que desconsideramos em nosso trabalho. Neste sentido, as informações foram complementadas com entrevistas realizadas junto a organismos técnicos brasileiros e argentinos.

7,00/saca na Argentina. A diferença de custos entre o Paraná e o Rio Grande do Sul se dá especialmente pela prática mais intensiva do plantio direto no Estado gaúcho, assim como a menor utilização de insumos, fato que compromete seguidamente a produtividade das lavouras.

Dados completos, obtidos para o ano de 1996, revelam que o custo total no Brasil era de US\$ 409,21/hectare, contra US\$ 345,98 na Argentina e US\$ 411,77/hectare nos EUA. A margem bruta era de respectivamente US\$ 16,79, US\$ 198,49 e US\$ 45,06/hectare. Nestas condições, a competitividade do trigo argentino é muito superior, fato que explica o interesse do Mercosul, e particularmente da Argentina, na liberalização dos mercados agrícolas quando da constituição dos acordos da Alca e da União Européia-Mercosul. De tal forma que o preço de equilíbrio, para a Argentina, chega a US\$ 105,24/tonelada enquanto no Brasil o mesmo era de US\$ 170,50 e nos EUA de US\$ 235,30/tonelada. Vale destacar ainda que o custo total na Argentina, em 2003, havia recuado para US\$ 265,02/tonelada contra US\$ 358,56/tonelada no Rio Grande do Sul. Ou seja, os custos no Estado gaúcho superavam os da Argentina em US\$ 93,54/hectare, ou 35,3%.

Quadro 1: Comparativo de Custo de Produção Total e Margem Bruta entre Brasil, Argentina e Estados Unidos.

Países		Brasil	Argentina	Estados Unidos
1996	Custo Total (US\$/ha)	409,21	345,98	411,77
	Margem Bruta (US\$/ha)	16,79	198,49	45,06
	Preço Equilíbrio (US\$/ton)	170,50	105,24	235,30
2003	Custo Total (US\$/ton)	358,56*	265,02	ND

Fonte: Inta, Iapara, Embrapa

Especificamente no que tange ao uso de fertilizantes, dados da segunda metade dos anos de 90 indicam que o custo médio no Brasil chegava a US\$ 107,07/hectare, enquanto nos EUA o mesmo era de US\$ 38,39/hectare. Já na Argentina o uso deste insumo é praticamente nulo, existindo gastos com adubação de cobertura em algumas regiões, com um custo de US\$ 24,30/hectare.

Considerando-se esses fatores, a Argentina suporta mais facilmente o recuo dos preços internacionais, podendo vender seu trigo bem mais barato, levando o Brasil, dentro dos acordos do Mercosul, a privilegiar o cereal do vizinho país em detrimento de investimentos na produção local. Isso não significa que a produção brasileira desapareça, no entanto demonstra que em condições normais de oferta e demanda mundial, e particularmente no interior do Mercosul, o produto argentino estará sempre em melhor posição do que o produto nacional, fato que impede o Brasil de alcançar a auto-suficiência. Entre 2000 e 2003 o país conseguiu, no máximo, produzir 50% de suas necessidades e, assim mesmo, seguidamente com produto de baixa qualidade, muitas vezes próprio apenas para ração animal.

Dessa forma, torna-se evidente que a busca pelo trigo argentino se viabiliza pelo seu preço competitivo, fato que passou a ser realçado a partir da conclusão dos acordos que definiram o Mercosul. Esta realidade se comprova com a observação do fluxo comercial do Brasil com seus diferentes parceiros na compra e venda de trigo.

As Importações Brasileiras de Trigo e o Papel da Argentina como Fornecedor

Em 1965 o Brasil importou 1,9 milhão de toneladas de trigo. Deste total, 1,29 milhão veio da Argentina, o que representa cerca de 68%. Por sua vez, as vendas argentinas ao exterior, naquele ano, somaram 6,66 milhões de toneladas. Ou seja, o mercado brasileiro representava 19,4% do total das vendas de trigo por parte do vizinho país. Dez anos depois, mais precisamente em 1975, esta relação havia se alterado substancialmente. Naquele ano o Brasil importou 3,07 milhões de toneladas, porém apenas 240.000 toneladas foram procedentes da Argentina. Paralelamente, o vizinho país exportou bem menos volume em trigo, chegando a apenas 1,76 milhão de toneladas, após problemas em sua produção. Assim, grande parte do trigo importado pelo Brasil, em 1975, teve origem

nos EUA (1,98 milhão de toneladas), seguido do Canadá (800.000 toneladas). O complemento das compras externas veio do Uruguai (50.000 toneladas). Em 1985 as compras brasileiras de trigo somaram 4,04 milhões de toneladas, com a Argentina contribuindo com apenas 685.000 toneladas, ou 17% do total. Em 1985, no entanto, as exportações argentinas de trigo somaram 9,58 milhões de toneladas. Novamente EUA e Canadá complementaram as compras brasileiras, com respectivamente 1,68 milhão e 1 milhão de toneladas. Efetivamente, entre 1975 e 1985 as compras externas de trigo, por parte do Brasil, aumentaram, porém a participação da Argentina nos negócios foi bastante reduzida. Este quadro irá se alterar a partir de 1986, na medida em que o Brasil chega muito próximo da auto-suficiência. Assim, entre 1986 e 1990, as compras externas brasileiras variaram entre 953.000 e 2,7 milhões de toneladas, conforme o ano. Nesse período a Argentina chegou a participar com até 100% do abastecimento brasileiro. Tal realidade irá se acentuar a partir de 1990, quando o Brasil deixa de efetuar compras estatais, colocando a produção nacional diretamente na dependência do mercado. Em 1991, com a formação do Mercosul, a Argentina se consolida definitivamente como o principal fornecedor de trigo para o Brasil.

Entre 1990 e 2000 as compras externas de trigo, por parte do Brasil, foram multiplicadas por cerca de quatro vezes, passando de 1,9 milhões para 7,6 milhões de toneladas. Destes totais a Argentina participou com 94% e 95%, respectivamente, da oferta destinada ao Brasil. Ao mesmo tempo as compras do Brasil junto ao mercado argentino representaram respectivamente 31% e 67% do total exportado pelo vizinho país. Ou seja, se de um lado o Brasil passou a privilegiar o produto argentino, em função dos acordos do Mercosul e por encontrar uma oferta abundante, de qualidade e mais barata, de outro as importações brasileiras passaram a ocupar um lugar de destaque nas vendas de trigo por parte da Argentina. Este quadro ficou mais evidente entre 1998 e 2001 (cf. gráfico 2).



A partir de 2000, com a melhoria paulatina dos preços externos (as cotações médias em Chicago passaram de US\$ 2,57/bushel em 2000 para US\$ 3,34/bushel em 2003, ou seja, um aumento de 30%, chegando a US\$ 3,58/bushel na média dos primeiros nove meses de 2004) e os efeitos da desvalorização cambial realizada pelo Brasil em 1999, quando passou a adotar um regime cambial flexível, as importações ficaram mais custosas. Esta nova realidade levou a um aumento na produção de trigo no interior do Brasil, fato que reduziu o volume importado. Este, que foi de 7,6 milhões de toneladas em 2000, recua para 6,2 milhões em 2003, chegando a 5,6 milhões de toneladas em 2004. Ou seja, o recuo, em quatro anos, se consolida em cerca de 26%. Neste mesmo período o volume importado da Argentina igualmente recua, porém sua participação no total geral permanece sem grandes alterações. Dessa forma, as compras realizadas no vizinho país recuam, nos últimos quatro anos, de 7,2 milhões de toneladas para 4,9 milhões em 2004. Isso representa uma queda de 33% no período. Ou seja, as compras feitas na Argentina, que representavam 95% do total em 2000, recuam para 87% em 2004, após atingirem 89% em 2003. Assim, embora a Argentina permaneça como o grande fornecedor nacional de trigo, o Brasil reduziu um pouco mais suas compras oriundas daquele país em relação ao restante do mercado mundial.

Paralelamente, as vendas para o Brasil, que representavam, na Argentina, 67% de suas exportações em 2000, caem para 57% em 2002. Diante da frustração na produção argentina de 2003, suas exportações totais recuam para 6,1 milhões de toneladas, com 90% destinando-se ao Brasil. Esse quadro de recuperação, contudo, parece ser esporádico, pois, para o ano de 2004, a participação do Brasil nas exportações totais argentinas de trigo teria recuado para 60%. Na prática, os EUA acabaram sendo os beneficiados. Suas vendas ao Brasil passam de 51.685 toneladas em 2000 para 677.180 toneladas em 2002 e 500.014 toneladas em 2003. Neste último ano o Canadá exportou 170.318 toneladas de trigo ao nosso país, após 33.820 toneladas em 2001 e 163.077 toneladas em 2000. Ou seja, há uma certa correlação direta entre o aumento da produção de trigo no Brasil e a redução da participação relativa da Argentina nas vendas de trigo ao nosso país.

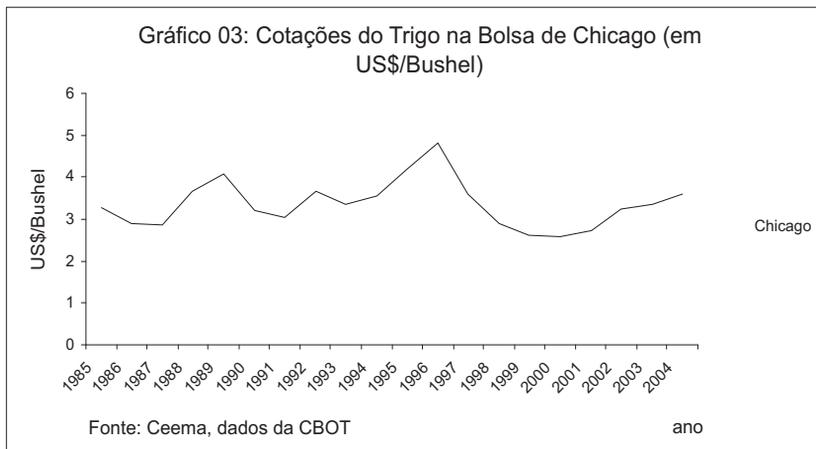
Evolução dos Preços Internacionais do Trigo e os Impactos nos Preços Argentinos e Brasileiros

Os preços médios do trigo na Bolsa de Chicago, entre 1985 e 2004 (primeiros nove meses), evoluíram entre um mínimo de US\$ 2,57/bushel⁶, registrado em 2000, e um máximo de US\$ 4,80/bushel em 1996.

Na verdade, nos 20 anos aqui analisados, o período de pior preço médio se deu entre julho de 1998 e setembro de 2001, quando o mercado ficou ao redor de US\$ 2,63/bushel. Esse período deu seqüência a um longo espaço de tempo em que os preços estiveram muito bons. O mesmo iniciou-se em agosto de 1991 e durou até março de 1998. Nesses 80 meses a média ficou em US\$ 3,72/bushel, com pico de até US\$ 6,13/bushel, registrado na média de maio de 1996. O mais interessante nesse contexto é que a reação da produção brasileira se dará exatamente no

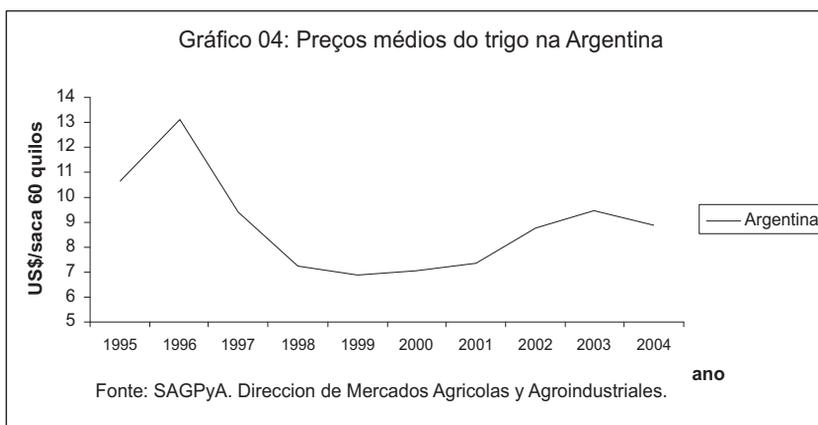
⁶ Um bushel de trigo equivale a 27,21 quilos.

momento em que os preços internacionais recuam, ou seja, a partir de 2000. Parte da explicação está no fato de que particularmente na Argentina, a partir de meados de 2002, seus preços internos sobem de forma relativamente importante, puxados por Chicago e por uma oferta interna menor (a produção argentina recuou de 15,3 milhões de toneladas, em 2001/02, para 12,3 milhões no ano seguinte).



De fato, a realidade de preços internacionais provocou um movimento de redução nos preços FOB da Argentina num primeiro momento. Os mesmos, que haviam chegado a US\$ 10,67/saca de 60 quilos na média de 1995 e US\$ 13,11/saca em 1996, recuam fortemente nos anos seguintes. A tal ponto que em 1999 a Argentina exportou seu trigo a um preço médio de US\$ 6,87/saca. Ou seja, em três anos o produto argentino perdeu 47,6% de seu valor, puxado pelo comportamento negativo de Chicago e pelas boas safras locais. Efetivamente, o trigo na Argentina tem seu preço balizado por Chicago, na mesma lógica que encontramos o comportamento da soja no Brasil, por exemplo. Importante se faz lembrar que até 1999 a Argentina não havia desvalorizado sua moeda, fato ocorrido no final de 2001. A partir de junho de 2002 os preços internos no vizinho país confirmam seu movimento de alta, o qual irá durar dois anos, ou seja, até junho de 2004. Na oportunidade a média de preços FOB portos argentinos ficou em US\$ 9,56/saca. Assim, os preços no Bra-

sil respondem à elevação dos preços na importação, particularmente do produto oriundo da Argentina, por significar o maior volume. Ao mesmo tempo o clima positivo, associado a uma redução na oferta local, estimulam os produtores a semear o cereal. Isso recebe igualmente um certo apoio do Estado, mediante financiamentos a juros menores do que os praticados no mercado. Um terceiro aspecto que irá influenciar tal decisão é a retomada da produção de soja, estimulada por menores custos graças à transgenia, associada a um período de preços elevados para a oleaginosa em Chicago. Por um breve período o Sul do Brasil viu se fortalecer novamente o tradicional binômio trigo-soja, fato que comprometeu mais uma vez os projetos de diversificação (leite, suínos, gado de corte, frutas e legumes) existentes.



Dessa forma, os preços do trigo no Rio Grande do Sul, que chegaram a US\$ 9,94/saca ao produtor, na média de 1996, após US\$ 8,43 um ano antes, recuam para US\$ 6,29 em 1999. Posteriormente ocorre uma paulatina recuperação (com exceção do ano de 2001), com os mesmos fechando a média de 2003 em US\$ 8,58/saca, isto é, o melhor ano em termos de preço médio desde 1996⁷.

⁷ Em 2004 a média de preços voltou a recuar, tendo registrado, nos nove primeiros meses, o valor de US\$ 7,96/saca, com tendência de um recuo ainda mais expressivo nos quatro meses restantes (outubro a dezembro).

Por sua vez os preços do trigo no Paraná seguem a mesma lógica, porém com valores mais elevados. Isso se dá pelo fato de o produto paranaense normalmente acusar uma qualidade superior, além de entrar no mercado mais cedo (setembro). De fato, entre 1995 e 2004, em apenas um ano (2002), o preço ao produtor gaúcho foi superior em 10% ao preço pago ao produtor paranaense. Nos demais anos os preços do trigo no Paraná foram mais elevados, variando entre 4% e 12%. Em 2004 (primeiros nove meses do ano) o preço médio no Paraná superou o gaúcho em 23%.

Considerações Finais

Este estudo nos trouxe uma série de conclusões, algumas confirmando um sentimento que se tinha sobre o mercado do trigo e outras ainda não exploradas.

A primeira evidência é de que efetivamente o comércio mundial do trigo tem na Argentina um produtor importante, embora suas exportações atuais, relativamente, não cheguem a representar um volume expressivo. Para o Brasil, no entanto, o vizinho país se constituiu no maior fornecedor do cereal, particularmente a partir da liberalização do mercado nacional, em 1990, quando o governo federal deixou de comprar o produto. Esta posição se consolidou quando o Mercosul foi efetivado, em 1991. Paralelamente, o Brasil se constituiu num importante comprador do trigo argentino, estabelecendo uma certa relação de dependência entre os dois países.

A participação da Argentina na oferta externa de trigo ao Brasil se dá especialmente pelos seus ganhos em competitividade. Ou seja, o cereal argentino é mais barato em sua produção. Além disso, com uma certa constância, tem apresentado muito boa qualidade. Isso significa dizer que a Argentina suporta preços mais baixos para o trigo no mercado internacional. Este fato fragiliza o Brasil, pois seu custo de produção e

produtividade, embora em ascensão, não consegue competir a partir de preços abaixo de US\$ 140,00 a US\$ 150,00/tonelada, salvo exceções. É o caso do ocorrido no final de 2004, quando assistimos a protestos do produtor de trigo em função do baixo preço interno praticado (US\$ 115,00/tonelada), puxado para baixo pelo forte recuo nos preços do produto na Argentina. Estes, que chegaram a superar US\$ 170,00/tonelada FOB no primeiro semestre de 2004, recuaram para algo entre US\$ 120,00 e US\$ 130,00/tonelada FOB em outubro daquele ano.

Assim, confirma-se que existe uma correlação direta entre o aumento dos preços na Bolsa de Chicago e a melhoria dos preços internos aos produtores brasileiros, mesmo o cereal não constituindo um produto de exportação por parte do Brasil⁸. Ou seja, o aumento das cotações do produto em Chicago eleva os preços do trigo no interior da Argentina e nos seus portos. Esta elevação, dependendo do momento cambial brasileiro, torna cara as importações brasileiras. Quando as mesmas ultrapassam o limite dos US\$ 140,00/tonelada aproximadamente, o produtor brasileiro se vê estimulado a aumentar a plantação do cereal.

Por outro lado, interessante se faz destacar que o aumento na produção brasileira, a ponto de provocar redução nos volumes importados, ocasiona um recuo relativo mais expressivo nas compras oriundas da Argentina do que nos outros fornecedores tradicionais, como os EUA e o Canadá.

Enfim, a produção de trigo no país não se resolve somente pela capacitação em competitividade do setor produtivo. Ela deve ser inserida em um contexto macroeconômico, no qual há de se avaliar a conveniên-

⁸ Esta característica de país essencialmente importador de trigo (um dos maiores do mundo) foi rompida em 2003/04 pelo Brasil, pela primeira vez após 200 anos, quando exportou mais de um milhão de toneladas do cereal. O mercado tende a forçar o Brasil, contraditoriamente, a ser exportador toda a vez que a produção interna for importante e os preços mundiais na importação forem baixos. Esta sistemática tende a cessar a partir do momento em que os produtores reduzirem novamente sua produção, visando um equilíbrio entre os custos de produção e a receita recebida em função da produtividade e os preços oferecidos ao seu produto.

cia ou não de proteger a sua produção. Ou seja, sem uma certa proteção à produção tritícola nacional, dificilmente ela se mantém de maneira a chegarmos a ofertar metade de nossas necessidades. Esse fato revela que, no atual quadro de mercado mundial e regional, o Brasil será sempre um importador líquido de trigo, com tendência a aumentar sua dependência na medida em que o consumo interno crescer, puxado pelo aumento da população e de seu poder aquisitivo.

Referências

- AGRIANUAL. *Anuário da Agricultura Brasileira*. 2004. FNP – Consultorias e AgroInformativos.
- AGROANALYSIS. *A Revista de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro/RJ, 2004.
- BRUNS, C. *Cadeia produtiva do trigo – diagnóstico e demandas atuais no Paraná*. Iapar – Instituto Agronômico do Paraná. Londrina, PR, 1999.
- CONJUNTURA ECONÔMICA. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro/RJ. Setembro de 2004.
- CUNHA, G. R. *Trigo no Mercosul*. Coletânea de artigos. Embrapa comunicação para transferência de tecnologia. Passo Fundo: Embrapa; Trigo, 1999.
- JACOBSEN, L. A. *Série realidade rural*. Porto Alegre/RS: Emater, 2003.
- MINETTO, T. J. *FecoAgro – Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul*. Custo de Produção – Estudo n. 62, 2003. Porto Alegre/RS. Volume 32.
- SAFRAS & MERCADO. *Soja e grãos*. Publicação semanal sobre tendências de mercados. 2003 e 2004.

Periódicos

Jornal GAZETA MERCANTIL/SP

Jornal ZERO HORA/RS

Sites de Pesquisa

www.brasil.org.ar
www.embarg.org.br
www.ocepar.org.br
www.embrapa.com.br
www.conab.com.br
www.emater.tcche.br
www.ibge.gov.br
www.abitrigo.com.br
www.sagpya.mecon.gov
www.alimentosargentinos.gov.ar
www.ipea.gov.br
www.google.com.br www.fao.org
www.inta.gov.ar
www.ipea.gov.br
www.bolsarosarco.com.ar
www.bolcereales.com.ar
www.aaprotrigo.org
www.ruralarg.org.ar
www.fnp.com.br
www.pr.gov.br/iapar
www.safras.com.br
www.fgv.br/conjuntura.htm
www.usda.gov